

AS PRÁTICAS CULTURAIS E RELIGIOSAS PRESENTES NO CANGACEIRISMO ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX

Wesley Rangel Brasileiro dos Santos¹

Resumo: Em fins do século XIX as inúmeras adversidades existentes entre os latifundiários e o homem do campo estão bem presentes na literatura bibliográfica que tratam a respeito do homem sertanejo, com seus fenômenos e características. Não se pode perder de vista que essas largas diferenças sociais influenciaram o surgimento de movimentos contrários a exploração da classe dominante para com o homem do campo. Esse homem não poderia mais permanecer inerte, não dava mais para cruzar os braços, tirar o chapéu de palha ou de couro para se falar com o senhor, a submissão não fazia mais parte daquele contexto. O sertanejo agora quer pegar em armas, juntar companheiros e formar um bando, dando início a um fenômeno chamado *cangaço*. As tentativas de explicar os fatores que desencadearam o cangaço merecem cuidados minuciosos e uma profunda análise do momento histórico que culminou com o surgimento dos primeiros bandos. Inúmeras são as opiniões sobre as causas do cangaço, desde a ausência de justiça, passando pela precariedade de comunicações e transportes da época até os baixos salários que eram pagos ao trabalhador. Portanto, a proposta desta pesquisa é contextualizar as diversas práticas culturais e religiosas presentes no cangaceirismo na passagem do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Compreender como essas manifestações estavam intrinsecamente ligadas aos bandos que percorreram o Nordeste brasileiro disseminando os ideais de justiça e igualdade social onde predominavam a miséria, a pobreza, o analfabetismo e a exploração dos coronéis sobre os menos favorecidos.

Palavras-chave: Cangaço, bandos, Nordeste.

1. Primeiras Palavras

A proposta desta pesquisa é contextualizar as diversas práticas culturais e religiosas presentes no cangaceirismo na passagem do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Compreender como essas manifestações estava intrinsecamente ligadas aos bandos que percorreram o Nordeste brasileiro disseminando os ideais de justiça e igualdade social onde predominavam a miséria, a pobreza, o analfabetismo e a exploração dos coronéis sobre os menos favorecidos. Este estudo tem como base os fundamentos teóricos nas obras *Guerreiros do Sol* de Frederico Pernambucano de Mello, *Cangaceiros e Fanáticos* de Rui Facó e *As Classes Perigosas: Banditismo Urbano e Rural* de Alberto Passos Guimarães.

2. O cangaço e sua origem

Ao iniciar essa temática é interessante conhecer as formas e origens do *cangaço*. De acordo com Frederico Pernambucano de Melo o movimento do cangaço se caracterizou de diversas formas. Entendamo-lo como meio de vida, de vingança e de refúgio. O cangaço como meio de vida teve as figuras expoentes de um Lampião e Antonio Silvino, que tornaram essa prática, simplesmente, uma modalidade profissional. O cangaço como vingança teve

¹ Discente do curso em licenciatura em História pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. wesleyrangel@hotmail.com.

representantes emblemáticos na figura de um Sinhô Pereira, um Jesuíno Brilhante, ou, um Luis Padre. Em terceiro estilo, há o cangaço de refúgio, servia para aqueles homens perseguidos. O *bando* representava uma espécie de cobertura para muitos homens que o tinham como sinal de “salvação” para eventuais descasos na sociedade. Vale lembrar também que fazer parte do cangaço poderia caracterizar um *status*, uma maneira de não prestar mais obediência ao senhor de terras.

É interessante perceber que as práticas criminais exercidas pelos bandos tiveram suas origens em modalidades de grupos mais antigos como os nativos que aqui habitavam quando tiveram o primeiro contato com o colonizador, quando este para justificar o processo de colonização exerceu a força e opressão para com os “índios” que viviam em terras brasílicas. E porque não dizer sobre as lutas de resistência que duramente foram empreendidas contra os invasores holandeses em território brasileiro. Assim acerta Frederico (2004, p.90),

Os movimentos de resistência ao holandês invasor, muito particularmente os que se desenvolve após 1644, assistem à vitória sobre os padrões europeus da chamada “guerra brasílica” ou “guerra do mato”, que nada mais era que uma guerra volante em que a espingarda de pedernal preferia aos mosquetes e arcabuzes de mecha facilmente inutilizável pela chuva e de difícil emprego nos assaltos [...].

Não resta dúvida que as práticas de resistência abrangiam suas diversas realidades. A arte de rastejar, abrir veredas e enfrentar o inimigo às escuras, prevalecia sobre as formas de combate trazidas pelos europeus. É o rastejador nativo que lidera as campanhas de repressão contra os estrangeiros e, é esse mesmo rastejador que liderará três séculos depois campanhas repressivas contra o movimento do cangaceirismo. É interessante lembrar que essa forma de luta assimilava a utilização militar das classes mais marginalizadas da sociedade, homens ociosos que recebiam cerca de quatro mil réis diante das tropas nativas contra a invasão dos estrangeiros.

Para enriquecer essa discussão a respeito da ociosidade desses homens, vale abordar uma citação de Alberto Passos Guimarães diante de uma correspondência do desembargador José Feliciano da Rocha Gameiro, em 1798, dirigida ao Dom Rodrigo de Souza Coutinho: “o grande número de gentes que habitam nas Cidades e Vilas sem ofício, e a que verdadeiramente se pode dar o nome de vadios” (GUIMARÃES, 1981, p.134). Estavam sempre disponíveis para entrar em conflito com o inimigo, muitas vezes era considerado mais astuto do que o próprio soldado da guarda nacional.

Alberto chama esse tipo de fenômeno de *banditismo*, caracterizado por está a serviço daqueles que garantisse a melhor quantia para “tarefas” encomendadas. Em fins do século XVIII, com a colonização bem acelerada do litoral nordestino, o banditismo migra para a região sertaneja com uma repressão muito mais rigorosa. Afirma Fernando: “É evidente que com o deslocamento do foco central do banditismo para o sertão, onde aliás ele viria a receber o batismo de *cangaço* ou *cangaceirismo*, não desapareceria o banditismo litorâneo” (2004, p.95). Mas é no sertão que o cangaço conseguiria adquirir mais espaço, no que diz respeito ao aspecto qualitativo sobrepondo ao quantitativo. O sertão parece ser esse palco para o afloramento dos primeiros bandos percorrendo as caatingas adentro, despertando ódio dos latifundiários e das volantes. Diferentemente pensa Câmara Cascudo quando dirá que “o cangaceiro não é um elemento do sertão” e sim uma figura que “existe em todos os países e regiões mais diversas” (MELO, 2004, p. 95-96).

A imagem que ficou mais registrada em nossas mentes, é a do cangaceirismo do século XX, principalmente quando ele alcança seu auge, em 1926, um cangaço vigoroso, resistente, o que desafia as tropas volantes, que invade a cidade da luz elétrica, bandos de quase cento e cinquenta homens, o cangaço da bala de aço e do mosquetão. Esses são os bandos de cangaceiros que se tornam mais vivos em nossa historiografia, principalmente, as figuras de Lampião e Antônio Silvino. Como bem afirma Fernando Pernambucano de Mello sobre os dois momentos do cangaço: “[...] o fenômeno evolui do ordinário-endêmico para o extraordinário-epidêmico[...]” (idem, p.97).

Acerca de um fragmento do jornal *O País*, em 1908. Diz a reportagem a respeito dos cangaceiros do Nordeste (MELLO, 2004, p. 105),

Essa gente vive rodeada do mesmo prestígio inconcebível e impressionador que os mais populares bandidos, quando à testa de grupos mais ou menos numerosos de malfeitores, fugitivos das prisões e desclassificados sem escrúpulos e dispostos para tudo, têm sempre gozado entre os moradores das terras afastadas dos centros de civilização, onde esses facínoras encontram seguro agasalho, uma proteção que vai à raia do heroísmo e uma cumplicidade moral que só por milagre escapa às malhas do código penal.

Como diz a reportagem é uma gente sem escrúpulos, bandos formados por malfeitores, intrépidos nas suas práticas, mais não estão imunes ao rigor da lei, mesmo que escapem às malhas do código penal. Mas como se poderia imaginar – não simplesmente o movimento – a gênese desse homem inserido no cangaço? Não é só o fato de tal sujeito está inconformado com a injustiça e procurar o bando como instrumento de sua própria vingança, na verdade, é entender como o homem cangaceiro nasce dentro de uma realidade cercada por inúmeros

fatores que contribuíram para o início do cangaceirismo, principalmente no Nordeste brasileiro.

Diante dos fatos que lhe eram adversos, poderia o homem do campo permanecer à mercê da submissão do senhor de terras? A realidade não era favorável para esse homem do campo. Então, ficava difícil continuar passivo, cruzar os braços, logo porque, como diria Euclídes da Cunha “o homem do sertão [...] está em função direta da terra” (FACÓ, 2009, p.48). Esta terra é que lhe dá esperanças, a condição de conseguir condições significativas de sobrevivência, mas quando estas possibilidades são imputadas, lhe vêm à incredibilidade no sistema, pois suas expectativas são deixadas de lados e o que agora resta é, deixar o chapéu de palha de lado, tomar uma arma e passar a ser cangaceiro. Análise bem referida na obra de Rui Facó, em *Cangaceiros e Fanáticos*.

As tentativas de explicar o fenômeno de surgimento do cangaceirismo são diversas e muitos pesquisadores já contribuíram com várias referências a respeito desse assunto. Uns argumentam que o fato está associado às condições antropológicas da mestiçagem no Brasil, embora outros não se preocupem com os aspectos sociais e econômicos, mas somente, a mestiçagem.

Mas vale pensar, que os fatores iniciais que condicionaram o homem a procurar os bandos de cangaceiros se relacionam com as diversas anomalias sociais que estavam presentes na sua realidade. Ora, o homem, que antes, era um trabalhador, agora passa a ser um bandido, por causa de questão de terra. Era lógico que esse homem estivesse inconformado com a opressão, tinham que ser de uma forma ou de outra, revoltado com seus donos. Sem terra, sendo explorado pela força de trabalho, com baixos e insignificantes salários, esse homem do campo não pensa duas vezes, suas reivindicações serão cobradas por meio da violência. A ordem das coisas tomou rumos diferentes. Estavam deflagrados os conflitos, os bandos passariam a percorrer os caminhos da criminalidade contra o Exército e os grandes senhores na busca da “justiça social”. Algo como: analfabetismo, precariedade das comunicações, péssimas estradas e baixos salários também foram elementos que propiciaram a força para o surgimento dos primeiros bandos. Portanto, o que foi citado anteriormente, o cangaço pode ser visto como um meio de vida, pois a grande massa não dispunha de recursos normais para viver. E quando conseguiam, era em condições precárias.

Mas como falar em justiça social se muitas vezes os próprios representantes máximos das comarcas estavam subservientes aos caprichos dos grandes senhores. Estes, por sua vez, tinham o controle direto dos diversos setores naquela pequena cidade interiorana, sancionavam ou vetavam tais atos no cotidiano da população. E aí daquele que descumprisse

uma ordem do senhor coronel, não estava imune de sofrer uma grande punição. Afirma Xavier de Oliveira, em 1919, (FACÓ, 2009, p.51-52),

No sertão não há lei, não há direitos, não há Justiça [...]. Quanta vez, ali, não é removido, de uma para outra comarca, um juiz que preferiu uma sentença contra um político influente, cabo eleitoral ou chefe de bando do presidente ou do governador do estado?

Então, como pensar numa condição de vida digna, onde não havia respeito pelas massas populares, a inexistência de alfabetização, instrução e educação? Os grandes proprietários não têm interesse que o pobre saiba ler e escrever. Para ir trabalhar na roça, pegar na enxada não carece de instrução intelectual. Na verdade, é uma boa justificativa para os grandes proprietários insuflar na população a justificativa da submissão do homem do campo as suas ordens.

Há opiniões que justificam o surgimento do cangaceirismo a ausência de policiamento nas pequenas vilas, tornando fácil as invasões dos bandos. Pelo contrário, e o próprio Rui Facó em sua análise desmonta tal argumentação quando revela que as tropas volantes estavam ativas para combater o cangaço até o ponto culminante de extingui-lo. Essas tropas de homens, chamadas *as volantes*, ou, na linguagem popular do cangaceiro, *os macacos*, percorriam as cidades, as vilas e povoados, cuja população fugia à sua aproximação.

Mas a sociedade não tinha nada em comum com aqueles que preferiam viver uma vida nômade nos bandos, os quais possuíam suas próprias práticas culturais e suas relações com a realidade. Parecia os transformar – diz Rui Facó – em cangaceiros e “fanáticos”. Mais adiante Facó afirma: “O cangaceiro e o fanático eram os pobres do campo que saíam de uma apatia generalizada para as lutas que começavam a adquirir caráter social, lutas, portanto, que deveriam decidir, mais cedo ou mais tarde, de seu próprio destino” (2009, p.55). Era o cangaceiro que estava decidido a lutar não pela terra, primeiramente, mas lutar em função da terra. São os bandos que saem para o conflito com objetivos isolados, lutam contra o sistema opressor, muitas vezes, destroem-se mutuamente tornando-se presas fáceis das tropas volantes, e causando a decadência do que podemos chamar de ruína do latifúndio semifeudal.

3. O cangaço e a religiosidade

No começo do século XX, coincidindo com a concentração de inúmeros sertanejos em torno da figura de padre Cícero, há o relato de inúmeras insurreições, é verificada uma grande guerra civil que se propaga por todo Cariri, de 1901 a 1909. Os conflitos existentes entre o latifundiário e o semi-servo e somadas com as secas periódicas, aceleravam mais ainda os

acirramentos entre essas duas classes. O Cariri foi por muito tempo o refúgio de homens e mulheres a procura de uma melhor condição de vida. Com tudo isso, vamos perceber o crescente número dos bandos, *os cangaceiros*. Como afirma Rui Facó: “O Cariri transformou-se no refúgio mais seguro dos perseguidos pelas autoridades, tanto réus de crimes políticos como de crimes comuns” (idem, p.145-146). A região do Cariri era propícia as boas reservas de água nas suas serras, daí que muitos procuraram esse espaço para nele habitar e, com isso, as grandes levas de homens e mulheres que fugiam do castigo das estiagens.

Esta série de acontecimentos: secas, migrações e conflitos culminaram na proliferação dos cangaceiros e fanáticos, quanto à forte religiosidade e misticismo que imperava na figura emblemática de padre Cícero Romão Batista. Não se pode pensar a religiosidade nordestina sem pensar em padre Cícero, não há como. Foi um líder espiritual, político, que soube se adequar a realidade social do povo daquela época, e até hoje continua alimentando a piedade popular de muitos devotos que buscam por meio de sua memória o alcance de “milagres”. Dirá Facó: “O padre Cícero, em parte, adaptou-se também a esta exigência das massas pobres do campo que o cercavam e que, depois, passaram a endeusá-lo” (idem, p.150).

E assim, percorreu a imagem do padre Cícero, principalmente em Juazeiro do Ceará, como um sacerdote, apontado como milagreiro, devido à hóstia ensangüentada quando ministrada a beata Maria de Araújo. Polêmicas e divisões mexiam com a cúpula da igreja Católica, resultando no afastamento de padre Cícero das atividades eclesiais por muito tempo. Mas isso não tiraria da população o sentimento de endeusá-lo e querê-lo o mais perto possível da realidade que os circundavam.

O que se pode perceber da proximidade entre os movimentos dos cangaceiros, jagunços e pistoleiros com a religiosidade e o misticismo tão presente no início do século XX, é a possibilidade que os líderes religiosos tinham de capitanear movimentos perante o sistema vigente. Podemos citar Canudos; os fanáticos que ali se faziam presentes estavam obstinados a lutar por uma causa e tiveram em Antonio Conselheiro a voz tonante dos grandes conflitos contra as forças republicanas.

Retomando a discussão anterior a respeito dos intensos conflitos no início do século XX, a mais séria delas foi entre dois coronéis do Crato: José Belém de Figueiredo e Antônio Luís Alves Pequeno. Decidiram pegar em armas a arregimentar homens, capangas desocupados, cabras valentes e treinados para brigas. O próprio Antônio Luis recebeu de seu primo, monsenhor Afonso Pequeno uma significativa quantidade de capangas para os conflitos. Isso mostra o quanto à força dos coronéis estava ligada com a influência e presença de religiosos.

Não se pode perder de vista que, enquanto no Crato estava ocorrendo estas encruzilhadas entre os coronéis por disputas políticas e econômicas, padre Cícero acolhia e dava cobertura aos jagunços na qualidade inseparável de *agregado* ou *morador*. Dessa maneira, o que se pode presenciar é o fato de uma necessidade antropológica social deflagrar conflitos tão intensos, alimentados por um misticismo religioso, disseminado por beatos e conselheiros no cotidiano de uma sociedade.

4. Considerações Finais

Diante do respectivo trabalho, foi possível delinear em algumas linhas: as formas e origens do *cangaço* e como ele foi influenciado pelos antigos grupos de resistência. A temática em questão procurou fazer uma releitura das práticas culturais e religiosas tão presentes dentro do cotidiano dos bandos em fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX, ao mesmo tempo, apontando para uma literatura bibliográfica de expoentes pesquisadores no determinado assunto. Portanto, que esta pesquisa possa de maneira condizente contribuir com os diversos estudos que remetem ao movimento do *cangaceirismo* presente no Nordeste brasileiro, com suas causas e conseqüências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUIMARÃES, Alberto Passos. **As Classes Perigosas: banditismo urbano e rural**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.